

CAMINHOS PARA UMA MISSIOLOGIA AFRICANA E ASIÁTICA

HANS UDO FUCHS

Pós-graduado e graduado em teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, foi missionário em Angola 1990-92 e 2003-11, e na África do Sul 2013-18.

CAMINHOS PARA UMA MISSIOLOGIA AFRICANA E ASIÁTICA

Resumo

Um pouco de história: o milênio em que havia mais crentes na Ásia do que na Europa; quando os principais teólogos da igreja eram da África. Mais um pouco de história: como o evangelho chegou de novo a Ásia e África, com as missões modernas – a ponto de se falar hoje que a força da igreja passou do “norte” para o “sul global”. Onde e como o vento do Espírito soprando hoje: reflexão teológica, movimentos missionários, estratégias.

Palavras-Chave: Sul Global. Perseguição. Contextualização. Liderança. Reconciliação.

Abstract

A bit of history: the millennium when there were more believers in Asia than in Europe; when the leading theologians in the church were from Africa. A little more from history: how the gospel arrived again in Asia and Africa, with modern missions – to the point that today it is said that the strength of the church has gone from the “north” to the “global south”. Where and how the wind of the Spirit blows today: theological reflection, missionary movements, strategies.

Keywords: Global South. Persecution. Contextualization. Leadership. Reconciliation.

Introdução

Entre 2003 e 2011 minha esposa Ursula e eu estivemos em Angola, com a tarefa de criar uma editora e uma rede de distribuição de literatura cristã. Em 2009 tive o privilégio de participar de uma conferência de editores cristãos no Quênia. Um dos palestrantes era um pastor da República Tcheca, que nos contou a história que o levou até ali.

Um dos seus colegas na faculdade era um jovem da Zâmbia, que era cristão e foi falando aos colegas: “Jesus transforma vidas.” O líder da turma, esse que agora é pastor, era-lhe abertamente hostil. Mas os outros colegas foram se convertendo. Um dia a namorada do líder perguntou ao jovem africano: “Jesus transforma vidas?” Ele disse: “Sim.” “Então eu quero já!” Ajoelharam-se ali mesmo, na sala deserta depois de uma aula, e o rapaz orou com ela, ajudando-a a entregar sua vida a Jesus.

A transformação da moça foi tão imediata e total, que o namorado, impressionado, acabou entregando sua vida a Jesus também. Agora todos os alunos da classe, uns 20, eram crentes! Deus começou a mexer com eles: o que podemos fazer para levar mais pessoas ao encontro com Jesus? O secularismo tinha tomado conta do país; o palestrante conta que havia mais prostitutas do que crentes no país, e a tradução da Bíblia que usavam eram do ano de 1.643! Veio-lhes então a ideia de fazer uma nova tradução da Bíblia.

O tema da sua palestra era contar como isso aconteceu, esse era o motivo por que ele tinha sido convidado. Mas eu fiquei mesmo impressionado com o que Deus está fazendo através de africanos em outros países – difundindo a mensagem da salvação em Cristo, transformando vidas e países inteiros. Muitos deles talvez não se encaixem no estereótipo de “missionários” – são crentes, que dão seu testemunho, vivem sua fé.

Do norte global para o sul global

Em 1900, 82% dos cristãos viviam na Europa e na América do Norte; em 2020 esse percentual tinha diminuído para 33%. Em 2014 a América do Sul tornou-se o continente com mais cristãos, e em 2018 foi ultrapassado pela África, onde hoje 49% são cristãos. Os “centros” do cristianismo global passaram do Norte para o Sul, e as cinco línguas mais faladas pelos cristãos são, pela ordem: espanhol, inglês, português, russo e mandarim. Na Ásia, o país em que o número de cristãos mais cresceu foi a China, chegando a 56 milhões.

Mas não houve só crescimento. Além da Europa, hoje considerada pós-cristã, e da América do Norte, onde o declínio é visível, no Norte da África e no Oriente Médio o percentual de cristãos diminuiu de 12,7% para 4,2% no período. A Turquia tinha 22% de cristãos em 1900 e agora tem 0,2%[1]. No Iraque havia 1,5 milhão de cristãos antes da guerra do golfo em 1991, a maioria da antiga Igreja Assíria; não restou quase nenhum (dali vem o termo "genocídio"[2]). O mesmo cenário encontramos na Síria.

Um pouco de história

Nem sempre foi assim. Nos primeiros séculos da era cristã, o Norte da África e o Oriente Médio concentravam o maior número de cristãos, principalmente por causa da diáspora judaica: como o apóstolo Paulo fazia em suas viagens, os demais cristãos que saíam da Palestina por vocação missionária ou por causa da perseguição davam seu testemunho primeiramente nas sinagogas. Pais da igreja famosos como Atanásio, Cirilo, Orígenes, Clemente, Antônio, Pacômio; Tertuliano, Cipriano e Agostinho eram dessa região.

[1] Zurlo, citando dados da **World Christian Encyclopedia**, 3ª ed., 2020.

[2] Jenkins, **The Lost History of Christianity**, p. 430.

No livro de Atos, Lucas se propõe mostrar como o evangelho se expandiu da margem do Império Romano até a sua capital, sem mencionar os avanços para o Sul e o Leste; mas ele mesmo já menciona africanos em 2.10, 8.26-40, 13.1. No ano 430 Agostinho reuniu 600 bispos para um concílio![3]

O declínio veio com conflitos internos e pouca contextualização entre os povos que não eram de origem romana, e com as invasões dos vândalos, povo migratório do norte da Europa, a partir de 429 (famosos até hoje no termo “vandalismo”), e a ocupação muçulmana, a partir de 639. Sobraram somente alguns grupos, dos quais os principais são os coptas no Egito e na Etiópia. A lição que fica é que o cristianismo pode ser totalmente erradicado de uma região, não por esfriamento, mas quando a perseguição fica forte demais. Aconteceu no Norte da África, na Ásia em geral e especialmente no Japão, e recentemente no Iraque e na Síria.

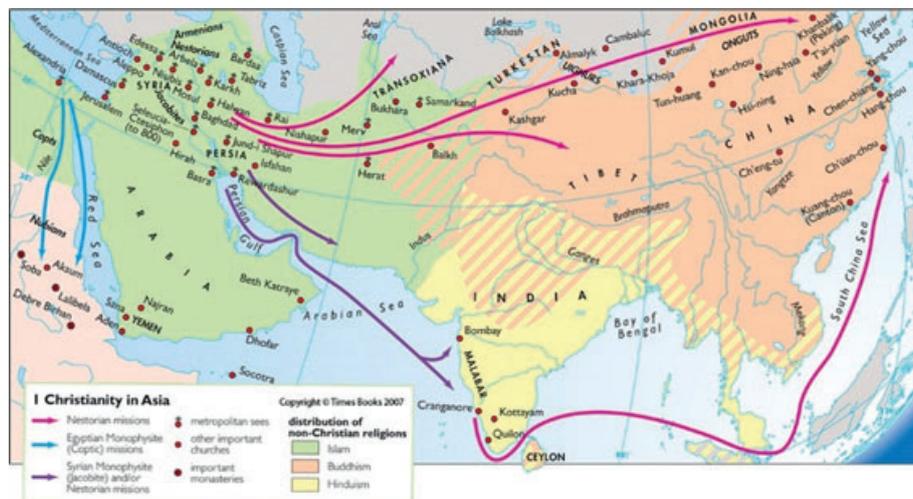


Figura 1: FRANKOPAN, Peter. **The New Silk Roads: The Present and Future of the World**. Londres: Bloomsbury, 2018. (Versão em português: O coração do mundo.)

[3] Zurlo, citando dados da **World Christian Encyclopedia**, 3ª ed., 2020.

"Enquanto a igreja no Ocidente estava obcecada em discutir diferentes pontos de vista, a igreja no leste estabeleceu um dos programas missionários mais ambiciosos e de maior alcance da história, um que, em termos de escala, compara-se com a evangelização posterior nas Américas e na África: o cristianismo expandiu-se rapidamente por novas regiões sem o poder do poder político por trás. Na Idade Média, havia muito mais cristãos na Ásia do que na Europa"[4]

Até o século 11, um terço dos cristãos no mundo estava na Ásia. Na época do imperador Carlos Magno (coroado no ano 800), quando a Europa estava em plena idade das trevas, o bispo de Selêucia, perto de Bagdá, era mais importante que o papa e o patriarca de Constantinopla[5]. 25% dos cristãos do mundo o consideravam seu líder, do Turquestão ao Iêmen, da Arábia ao Sul da Índia. Havia cristãos no Tibete e no Sri Lanca. Mesmo entre os mongóis, o cristianismo era bem conhecido[6]. "O Iraque superava Alemanha, França e Irlanda com o esplendor das suas igrejas e mosteiros, sua erudição e espiritualidade"[7].

A igreja oriental desapareceu não no século 4, como a africana, mas no século 14. O mundo se tornou mais violento, com as invasões dos mongóis que devastaram a Ásia e a Europa, as cruzadas, e a maioria agressividade islâmica. Ainda no século 16 predominava a ideia política de que, para poder governar em paz, a religião do povo precisava ser homogênea e quem não se convertia era expulso ou exterminado, não importa por qual regime - um exemplo é a Reconquista Espanhola e a expulsão dos judeus, em 1492.

Os movimentos missionários

Falando em reconquista, o retorno do evangelho a esses continentes se deu somente com as descobertas dos navegantes portugueses, espanhóis, holandeses e ingleses, do século 15 em diante.

[4] FRANKOPAN, *The New Silk Roads*.

[5] JENKINS, p. 185.

[6] WEATHERFORD, Genghis Khan.

[7] JENKINS, p. 190.

E adianta desde já que os missionários, em sua grande maioria, não estavam a serviço dos poderes coloniais, como bem mostra Lamin Sanneh, uma sumidade no assunto. Em seu livro *Translating the Message: The Missionary Impact on Culture* (Maryknoll: Orbis Books, 1989, na 13ª ed.) ele mostra que, ao traduzir a Bíblia para as línguas locais e adotarem os nomes pré-existentes para Deus e outros fatores da cosmologia tradicional, eles estavam afirmando as culturas como portadoras do evangelho. Eles ensinavam as pessoas a ler e escrever, preservavam provérbios e histórias – materiais que servem para pesquisas até hoje – tudo contra a vontade das autoridades coloniais[8].

Os primeiros a navegar foram os portugueses, que plantaram igrejas de Cabo Verde a Madagascar. Em pouco tempo nomearam o primeiro bispo africano, em Angola. Na Ásia, Francisco Xavier abriu muitas frentes missionárias, Na Indonésia, a serviço dos holandeses, João Ferreira de Almeida começou a traduzir a Bíblia para o português. Mas “até o começo do século 19, todas essas missões tinham acabado: os interesses dos políticos eram outros; a ideia dos missionários era civilizar os africanos, sem levar em conta a visão espiritual deles; em Portugal as ordens foram perseguidas; o clima era implacável”[9].

O movimento moderno de missões (lembrando sempre que a “missão” é de Deus; segundo Bosch, podemos chamar de “missões” os projetos específicos). Primeiro foram os irmãos morávios, que eram enviados pelo conde de Zinzendorf com apenas uma moeda no bolso, mas foram até a Índia e as Antilhas, e lançaram bases teológicas como os três “auto”: auto-liderança, autossustento e auto-propagação. Depois vieram William Carey, que foi para a Índia e é chamado de “pai das missões modernas” porque fundou a primeira agência missionária, representando o que se pode chamar de “missões litorâneas”; Hudson Taylor, que foi para a China e deu início às “missões para os interiores”; e mais recentemente o movimento em direção aos “povos não alcançados”[10].

[8] GITAU, *The Legacy of Lamin Sanneh*.

[9] OBORJI, p. 33.

[10] WINTER, *Missões modernas em perspectiva*.

Coisas boas estão acontecendo

Oborji, em sua pesquisa da missologia africana, vai direto ao ponto: “Nos últimos 50 anos, as igrejas cresceram muito, e estão muito empenhadas na evangelização (39), levando as boas novas de esperança, alegria, paz, unidade, harmonia, buscando a transformação da sociedade pelo testemunho vivo dos cristãos. A liderança hoje é toda africana, muitas denominações são africanas independentes, em um esforço maior de enculturação (43) e transformação das realidades sociais, vendo a igreja como a família de Deus na terra (44), por cima de divisões étnicas e políticas, enfatizando a reconciliação (47). Chave para isso tem sido a tradução da Bíblia, já para mais de 230 línguas (63). O uso das narrativas e dos provérbios combina muito bem com a cultura africana (71), pois tocam em questões da vida diária, da vida como um todo (78), da vida comunitária (80), do mundo espiritual (82).

Morei por um ano na Inglaterra (2019) e frequentei uma igreja que tinha três cultos por domingo, totalizando mais de 1.000 pessoas. Uma boa proporção era de africanos (e alguns asiáticos), dos quais muitos integravam a equipe de liderança. Contagiavam os demais com sua devoção e alegria no serviço do Senhor. Já 20 anos atrás (2001) conversei com o presidente da Convenção Batista Inglesa e lhe perguntei quantos membros tem a maior igreja da Convenção. Ele disse que a maior igreja de origem inglesa tinha 250, mas a dos que vieram de Gana tinha 800... De modo geral as denominações históricas têm diminuído na Inglaterra, mas as igrejas independentes não; elas têm crescido. A Redeemed Christian Church of God, que foi fundada na Nigéria em 1952, chegou no Reino Unido em 1993 e desde então já fundou 865 igrejas, num total de 72.000 membros. “Há muito entusiasmo centrado em Deus e no seu evangelho, muita disposição para ajudar e servir”[11]. Na Nigéria, as vigílias dessa denominação reúnem 500.000 pessoas! Um movimento de mobilização pan-africano, Movement for African National Initiatives, planeja enviar 50.000 nigerianos nos próximos 15 anos[12].

[11] BRIELY, *Christianity in the UK*.

[12] Disponível em <https://operationworld.org/>. Acesso em 1 de outubro de 2021.

Calvary Ministries, também na Nigéria, desenvolveu uma estratégia chamada “missão sem dinheiro”, equipando seus missionários para o autossustento. O movimento missionário começou nos anos 1990 nos países anglófonos, e agora transbordou para os francófonos. A princípio concentravam-se nos povos não alcançados próximos, agora vão para todo o mundo[13].

Também na Ásia o evangelho tem se expandido, em todas as regiões. Os missionários são locais, as igrejas têm estrutura, estilo e liderança asiáticos. São vietnamitas que vão para Laos e Camboja, nepaleses para a Índia. Poucos são enviados conforme a estratégia ocidental, de sustento à distância. (Um missionário da JMM começou uma igreja com chineses em Cabo Verde. Em contato com irmãos na China, a resposta foi: temos dois missionários para enviar. É só arranjar emprego para eles...) .

Os únicos países da Ásia em que não são possíveis cultos públicos, apenas clandestinos, são a Arábia Saudita e as Maldivas. Nos demais, há igrejas, grandes e pequenas, conforme a situação permite. 8% dos cristãos hoje vivem na Ásia, e muitos têm visão missionária. Encontramos jovens de Singapura plantando igrejas em Angola! Os chineses têm a visão de “levar o evangelho de volta para Jerusalém”. Mas o povo que mais tem saído para o mundo todo, aos milhares, são os coreanos. A igreja na Coreia passou por um crescimento acelerado depois da ocupação japonesa 1937-1945: presbiterianos, metodistas, batistas, católicos, a Igreja do Evangelho Pleno, com avivamentos que atraíram cristãos do mundo todo. Em 2006, o país chegou a ser o segundo maior enviado de missionários, depois dos Estados Unidos. Atualmente são mais de 20.000 missionários, em perto de 100 países![14]

[13] Wiher, entrevista por e-mail. No livro *L'Afrique d'aujourd'hui et les Églises: Quels défis?* (Langham Global Library, 2017) ele escreve: “A Igreja Africana está confrontada com vários desafios missiológicos: urbanização, corrupção, AIDS, ressurgimento de religiões tradicionais, o evangelho da prosperidade e a colocação em prática da fé cristã na vida cotidiana. [...] A missiologia evangélica precisa enfatizar a importância de uma espiritualidade missionária, de uma fé evangélica de expressão africana e uma vida transformada que influencia a sociedade.”

[14] LEE, **Missionários coreanos se reúnem.**

Tarefas e desafios

Desafios que se destacam são o discipulado, a renúncia ao pecado e às obras das trevas. Na África, sincretismo é um problema: muitos que se dizem seguidores de Jesus também consultam os feiticeiros e as santas. A competição com os missionários islâmicos e seus petrodólares é muito grande. Seminários são importantes, mas não atendem à demanda. É necessário chegar aos obreiros que estão em atividade, através de livros, conferências, cursos à distância.

A teologia africana se concentra em três frentes: contextualização/identidade cultural, combate ao racismo, combate à pobreza e injustiça social. Diferente do individualismo ocidental, na África e na Ásia tudo acontece em sociedade. Como no Ocidente, a pandemia afetou muito os relacionamentos presenciais e incrementou o uso da internet, mas os crentes insistem em se encontrar, mesmo que em grupos bem pequenos. Todas as decisões dependem dos relacionamentos, o que precisa ser levado em conta no processo de evangelização.

O desafio para missionários ocidentais já não é começar do zero; em praticamente todos os cantos do mundo há cristãos, ou pelo menos por perto. É preciso mobilizá-los e ser parceiro deles no treinamento de líderes nacionais e na plantação de igrejas. A ordem já não é “Ide!” – é “vinde”, para ver o que o Senhor já está fazendo, e participar. O novo paradigma vê todo o protagonismo nas mãos dos nacionais. A tentação desde sempre foi o paternalismo. Mas a regra é esta: “Nunca entregue um projeto à comunidade local – ele deveria ter sido deles desde o começo!”[15].

Uma das ferramentas que Deus tem usado são os trabalhadores migrantes. No mundo há 240 milhões de trabalhadores fora do seu país. Destes, 3 milhões são evangélicos (o Brasil é o 10º na lista).

[15] RIEVAN, **Estrangeiros ainda são necessários?**.

Por que não treiná-los para serem evangelistas e discipuladores, e impor-lhes as mãos? As Filipinas e a Índia têm feito isso[16]. Quanto aos outros 237 milhões, muitos estão perto de nós, e a um toque de WhatsApp dos seus familiares no país de origem. Onde muitas vezes nós não podemos ir, eles podem. Se encontrarem a Cristo aqui, eles o levarão para lá.

Considerações finais

A história que contei no começo é só uma entre milhares. O Senhor da missão tem levado seu povo para onde mais precisa, principalmente cada um perto da sua casa, na Ásia e na África, mas também no continente pós-cristão que é a Europa. Eles vão para outros países como estudantes, para trabalhar e sustentar suas famílias em casa, e alguns até como empresários. Eles têm plantado e liderado igrejas no contexto cultural local; têm criado meios para aliviar a pobreza material – o mais das vezes são pobres ajudando pobres; têm desenvolvido suas próprias definições teológicas sobre questões do cotidiano. E Deus tem feito seu reino crescer.

[16] THIESSEN, **Passando o bastão aos migrantes evangélicos.**

Referências

ADEYEMO, Tokunboh (ed.), **Comentário bíblico africano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, 5.015 p., 70 autores africanos.

BOSCH, David. **Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Missions**. Maryknoll: Orbis Books, 1991. Versão em português: *Missão transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, 2002).

BRIERLY, Peter. **Christianity in the UK**. Disponível em <https://lausanne.org/content/lga/2021-09/christianity-in-the-uk>. Set/2021. Acesso em 11 de outubro de 2021.

FRANKOPAN, Peter. **The New Silk Roads: The Present and Future of the World**. Londres: Bloomsbury, 2018. (Versão em português: *O coração do mundo*.)

GITAU, Wanjiru M. **The Legacy of Lamin Sanneh**. Disponível em <https://lausanne.org/content/lga/2020-05/the-legacy-of-lamin-sanneh>. Acesso em 9 de outubro de 2021.

JENKINS, Philip. **The Lost History of Christianity: The Thousand-Year Golden Age of the Church in the Middle East, Africa, and Asia – and How it Died**. Harper Collins, e-book, 2009.

LEE, J. Y. Disponível em <https://www.christianitytoday.com/news/2021/august/korean-missionaries-kwmf-handong-hgu-north-korea-convocatio.html>. Acesso em 12 de outubro de 2021.

O'DONOVAN, Wilbur. **Cristianismo bíblico da perspectiva africana**. São Paulo: Shedd, 1999.

OBORJI, Francis A. **Towards African Missiology: Issues of New Language for African Christianity**, vol. 1, Kindle ed., 2020.

RIEVAN, Kirst. Disponível em <https://lausanne.org/content/lga/2021-07/are-foreigners-still-needed-in-the-age-of-indigenous-mission>. Acesso em 9 de outubro de 2021.

THIESSEN, Harvey. Disponível em <https://lausanne.org/content/lga/2021-05/passing-the-baton-to-evangelical-migrants>. Acesso em 9 de outubro de 2021.

WEATHERFORD, Jack. **Genghis Khan and the Making of the Modern World**. Nova York: Broadway Books, 2004.

WIHER, Hannes. **Missiologista suíço que coordena o primeiro curso de mestrado em missiologia na África**, em Yaoundé, nos Camarões. **Entrevista nossa** em 28/09/2021.

WINTER, Ralph. **Missões modernas em perspectiva: a dinâmica da história**. Publicado em português pela Operação Mobilização, Rio de Janeiro, s/d.

ZURLO, Gina A. e Johnson, Todd M. **Findings from the World Christian Encyclopedia**. Disponível em <https://lausanne.org/content/lga/2021-03/is-christianity-shrinking-or-shifting>. Acesso em 9 de outubro de 2021.

Texto recebido em 12.10.2021 e aprovado em 27.10.2021